



A SALA DE AULA BACHELARDIANA: DO VÍCIO OCULARISTA AO DEVANEIO MATERIAL

Thyago Teixeira Farias¹

THE BACHELARDIAN CLASSROOM: from ocularist vice to material reverie

Resumo:

O presente artigo visa propor uma superação da ideia da sala de aula contemporânea, frequentemente subjugada pelo “vício ocularista” da gestão por resultados e pela rigidez da metodologia fabril. Por meio de uma pesquisa teórico-bibliográfica de cunho fenomenológico, busca-se fundamentar a urgência de uma imaginação material na prática docente sob a ótica de Gaston Bachelard. O estudo explora como os elementos fundamentais - fogo, água, ar e terra - inspiram posturas de resistência e transcendência, capazes de romper com o autoritarismo e a frieza das relações escolares. Conclui-se que a reforma da educação exige um novo espírito docente, apto a converter a horizontalidade do tédio na verticalidade do devaneio criador.

Palavras-chave: Gaston Bachelard 1; Imaginação Material 2; Fenomenologia 3; Prática Docente 4.

Abstract:

This article proposes a transition beyond the contemporary classroom, which is currently characterized by the “ocularist vice” of results-based management and factory-like methodology. Through theoretical-bibliographic research grounded in Gaston Bachelard’s phenomenology, the study argues for the urgent need for material imagination in teaching. The research explores how the elements of fire, water, air, and earth inspire stances of resistance and transcendence, capable of breaking through the authoritarianism and coldness of school relationships. It concludes that educational reform requires a new teaching spirit—one that converts the horizontality of boredom into the verticality of creative reverie.

Keywords: *Philosophy of Praxis 1, Liberating Education 2, Pedagogy of the Oppressed 3.*

¹Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Professor efetivo de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual de Ensino. Email: teixeira.thyago@gmail.com Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3390884644768202>

1. INTRODUÇÃO

A sala de aula contemporânea tem-se apresentado como um cenário de "vício ocularista", no qual o olhar docente é cooptado por análises superficiais de gráficos de desempenho, com foco em metas estatísticas oriundas de uma metodologia avaliativa de natureza fabril. Contudo, esse viés docente-técnico-fabril ignora a profundidade do fenômeno educativo, reduzindo o aluno a um mero produto de determinismos biológicos e sociais. Em contraposição a essa "razão fechada" e engessada, este estudo propõe a Fenomenologia da Imaginação, de Gaston Bachelard, como ferramenta de ruptura e transcendência para requalificar o olhar docente.

Para tanto, adota-se uma fundamentação teórico-bibliográfica, pautada no método fenomenológico, a fim de empregar as obras e os estudos críticos bachelardianos como um "filtro de percepção" capaz de requalificar e ampliar o olhar sobre a prática docente.

O percurso metodológico, então, organiza-se em três etapas, a saber: primeiramente, uma análise da ruptura epistemológica necessária para superar o "vício ocularista"; em segundo lugar, a transposição das imaginações materiais (fogo, água, ar e terra) para posturas pedagógicas concretas; e, por fim, o confronto dessas posturas com as situações de "estupidez e sadismo" identificadas por Gustavo Bertoche, em seus estudos acerca das práticas docentes na educação brasileira.

Apoiando-se em Marly Bulcão e José Américo Motta Pessanha, o estudo demonstra que a mudança de postura do professor advém de uma reforma da imaginação, permitindo-lhe o trânsito das horizontalidades burocráticas para as verticalidades do devaneio.

Para isso, a fenomenologia bachelardiana é convocada, não como um conjunto de regras rígidas, mas como um convite ao docente, para que ele se torne um "fenomenólogo do espírito", em sua própria prática. Ao adotar essa perspectiva, o professor deixa de ver a sala de aula como um espaço inerte de recepção de dados; e passa a compreendê-la como um fenômeno vivo, no qual cada interação é carregada de substância simbólica.

Essa abordagem, contudo, exige uma redução fenomenológica que seja capaz de suspender o juízo

sobre o tema do fracasso escolar associado a determinismos. Dessa maneira, permite-se que a consciência docente se abra para as "imagens de fundo", que constituem o ser do estudante, devolvendo à relação pedagógica a sua dignidade ontológica e criadora.

Nesse universo, a fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard permite ao professor diagnosticar a "frieza" de sua técnica e contrapô-la a novas perspectivas de postura e de abordagem pedagógicas. Isso ocorre, por exemplo, ao inspirar-se na imaginação do fogo, que inflama o interesse, as paixões e a curiosidade do aluno; na imaginação da água, que metamorfoseia currículos petrificados ao admitir as transitoriedades heraclitianas dos aprendentes; na imaginação da terra, ao enxergar na resistência do aluno não uma negação, mas a matéria que aguarda ser trabalhada com paciência e vigor; e, finalmente, na imaginação do ar, ao apropriar-se da capacidade de elevar o pensamento acima das horizontalidades opressoras, investindo em práticas que promovam o heroísmo intelectual e a resiliência emocional.

Assim, a fenomenologia torna-se o fundamento para uma pedagogia da atenção, com a qual o professor aprende a escutar as sonoridades do devaneio discente, transformando o "ruído" da indisciplina em movimento de ascensão e liberdade criativa.

Por fim, ao incorporar a metodologia fenomenológica, o estudo demonstra que a imaginação material age como uma "alquimia das relações", capaz de transmutar o tédio em curiosidade e a violência em poesia. É nesta interseção entre a rigorosidade da reflexão fenomenológica e a plasticidade dos elementos materiais que este artigo busca fundamentar uma nova postura docente, capaz de resistir às pressões da eficácia fabril e de devolver ao ato de ensinar o seu resplendor original.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO COMO RESISTÊNCIA

A *fenomenologia da imaginação*² em Gaston Bachelard não constitui um exercício de fantasia alienante, mas um ato de resistência ontológica contra a opressão da realidade técnica e imediata. Em sua obra *A Poética do Espaço*, Bachelard (1993, p. 20) argumenta que a imagem poética possui uma "sonoridade de ser" capaz de reverberar no sujeito e retirá-lo da passividade. Para o

²Bachelard opõe duas formas de imaginação: a formal e a material. A imaginação formal resulta da representação e da fidelidade à percepção e ao sensível; já a material é a verdadeira imaginação, porque confere força e dinamismo fazendo emergir um fluxo de imagens novas e não imagens reprodutoras. Considera para esse fluxo as operações com os elementos fogo, terra, água e ar. (BULCÃO et al., 2021).

filósofo francês, imaginar é um ato de liberdade que rompe com a percepção "ocularista" — aquela que aceita o mundo apenas como ele se apresenta visualmente.

No contexto educacional, essa fenomenologia fundamenta a resistência ao cotidiano escolar entediante, pois permite que o docente não se curve ao determinismo dos resultados, encontrando na subjetividade a força para reinventar o seu fazer pedagógico.

Essas imaginações materiais operam por meio da adesão do espírito aos quatro elementos fundamentais: fogo, água, terra e ar. Diferente da imaginação formal, que se ocupa apenas com o contorno e a estética das formas, a imaginação material busca a "substância" das coisas.

Em *A Água e os Sonhos*, Bachelard (1991, p. 12) explica que o devaneio necessita de um suporte material para não se perder em abstrações vazias; a matéria fornece a resistência necessária para que a vontade se manifeste. Dessa maneira, as imaginações materiais agem como mediadoras entre o eu e o mundo, permitindo que o sujeito trabalhe a realidade como um artesão trabalha a argila, transformando a hostilidade do ambiente em matéria de criação.

Tal movimento pode traduzir-se numa imaginação da água, conforme observa a estudiosa bachelardiana Marly Bulcão (2001, p. 88), como um convite à fluidez dos processos humanos, isto é, a nossa capacidade de "contornar" obstáculos burocráticos e autoritários, assemelhando-se ao comportamento do curso de um rio que, embora encontre pedras em seu leito, busca a profundidade e o oceano do conhecimento, admitindo as transitoriedades heraclitianas dos mestres e aprendizes. Como bem elucida Bachelard (1996, p.16) ao afirmar que "A água é o verdadeiro elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem. Ele morre a cada minuto, algo de sua substância esco-a-se constantemente.

Já o fogo oferece diversas performatividades dinâmicas dessa resistência na prática. Em *A Psicanálise do Fogo*, o elemento fogo é apresentado como o princípio da transformação e do ardor (BACHELARD, 1999, p. 38). O professor que adota essa imaginação resiste à frieza das relações fabris ao manter aceso o desejo de saber, transmutando a aula num "evento ígneo" e irrepetível, em que as constantes "destruições bruscas" almejem sempre a luz das sabedorias:

O fogo é, para o homem que o contempla, um exemplo de mudança brusca e um exemplo de mudança apressada. [...] O fogo quer que tudo mude, que tudo se conclua. Para o devaneio, o fogo é o sinal de um destino; o fogo quer que o que termina em chamas se transforme em luz. (BACHELARD, 1999, p. 30).

Por outro lado, o ar e a terra fundamentam a verticalidade e a fixação do ser docente, consequentemente. Como exposto em *O Ar e os Sonhos*, Bachelard (1990, p. 72) diz que o ar é a matéria da liberdade ascensional, agindo como um suspiro de resistência contra o sufocamento das metas métricas. Pessanha (1994, p. 95) aponta, por sua vez, que o professor "aéreo" é aquele que eleva o debate para além da mediocridade do "ensino para o teste". O que não se contenta apenas com conteúdos e abordagens repetitivos e extáticos e, sim, promove movimentos para as alturas, apontando saídas mais ousadas e libertárias, inspiradas no devaneio aéreo como devaneio por excelência da liberdade. "O ser do ar é um ser que sobe, um ser que se exalta. No reino da imaginação, a verticalidade é a dimensão do progresso espiritual." (BACHELARD, 1990, p.11)

Tal superação didática pode também ser simbolizada na obra *A Terra e os Devaneios da Vontade*, na qual a terra surge como elemento da luta e da solidez (BACHELARD, 1991, p. 28). Agir conforme a terra é ter a vontade de esculpir o caráter do estudante frente ao caos contemporâneo, oferecendo-lhe um "porto seguro" contra as possíveis quedas provocadas por vulnerabilidades sociais, redesenhando as durezas da vida dura com a poética do esforço e do trabalho, porque "a resistência da terra é o coeficiente de nossa própria força. No trabalho contra a matéria, o homem não apenas transforma a coisa, ele se transforma a si mesmo, ele se torna uma vontade que se afirma." (BACHELARD, 1991, p.23).

Em suma, essa reformulação proposta por Bachelard, atravessada pela imaginação material dos elementos, funciona como uma pedagogia da vontade, na qual a resistência não é um "não" passivo, mas um "sim" criador.

Como bem reforça Bertoche (2020), a resistência à estupidez pedagógica exige que o professor recupere sua capacidade de devaneio material para não se tornar um mero funcionário do sistema.

Portanto, ao compreender que "o mundo é o material de nossa glória" (BACHELARD, 1990, p. 210), o educador utiliza a fenomenologia da imaginação para converter a violência das relações escolares em uma

poética viva, provando que a verdadeira educação acontece no encontro entre a dureza do real e a leveza da alma que ousa sonhar com os elementos.

3. METODOLOGIA: APLICAÇÃO DOS ELEMENTOS NA DOCÊNCIA

A metodologia aplicada neste estudo configura-se como uma incursão fenomenológica sobre o fazer docente, transpondo a teoria elementar de Gaston Bachelard para a análise das interações em sala de aula.

Propõe-se que a prática pedagógica não seja conduzida apenas pela via da racionalidade técnica, mas sim por uma dialética da matéria, com a qual o professor reconheça e manipule as energias psíquicas associadas aos quatro elementos: fogo, água, terra e ar.

Ao adotar essa postura, o educador deixa de ser um mero instrutor e assume a função de um "alquimista da subjetividade", capaz de ler a atmosfera emocional da classe e intervir através de posturas "tetra-elementares" que promovam a ruptura com o predestinado.

Como podemos verificar na imaginação do fogo, quando este manifesta-se no ardor da descoberta e na gestão das paixões juvenis. O professor bachelardiano compreende que a indisciplina, muitas vezes, é uma chama desgovernada que necessita de um canal criador, e não de um abafamento autoritário, resultando em cinzas empobrecidas.

Nesse sentido, José Américo Motta Pessanha discorre sobre a necessidade de uma pedagogia que não tema a intensidade do encontro educativo:

A pedagogia da imaginação material é, antes de tudo, uma pedagogia da resistência e da vontade. O professor é o obreiro que trabalha a matéria do espírito, devendo ele próprio estar inflamado pelo desejo de saber para que possa, então, despertar a chama no outro. Sem o ardor do fogo, o ensino torna-se uma transmissão de cinzas, um depósito de conceitos mortos que não possuem a capacidade de transmutar a alma do estudante. (PESSANHA, 1994, p. 91).

Complementarmente, a imaginação da água é introduzida para oferecer fluidez frente à rigidez das normas burocráticas e à dureza das relações interpessoais. Metodologicamente, a postura aquática permite ao docente acolher as tristezas e as resistências dos alunos como correntes de um rio que precisam de profundidade para serem atravessadas. Marly Bulcão reforça a importância dessa plasticidade subjetiva na construção do conhecimento:

O imaginário bachelardiano é um imaginário de ruptura, de recusa da monotonia do real percebido. Na prática docente, o elemento líquido atua como um convite à transparência e à renovação constante, impedindo que o saber se torne estagnado. A água ensina ao mestre que a clareza pedagógica não é uma conquista estática, mas um fluxo contínuo de retificações e espelhamentos onde o aluno deve poder ver sua própria evolução refletida. (BULCÃO, 2001, p. 58).

A metodologia avança para a imaginação do ar, que fundamenta a liberdade ascensional e a capacidade de suspirar fundo diante das adversidades. O professor "aéreo" é aquele que eleva o debate para o campo dos valores e da ética, resistindo à gravidade do ensino puramente instrumental. Paralelamente, a imaginação da terra ancora esse processo, oferecendo o solo firme da norma ética e o repouso necessário à fixação das aprendizagens.

A aplicação metodológica desses elementos consiste em um exercício de sensibilidade fenomenológica, no qual o professor aprende a dosar o esforço e o devaneio, transformando a sala de aula em uma verdadeira poética do espaço, onde a matéria do conhecimento é esculpida com vontade e beleza.

Dito isso, a prática docente, sob esta ótica, torna-se uma dialética entre a objetividade do saber e a subjetividade dos elementos:

- a) Fogo: Lida com o ardor da descoberta. "O fogo é íntimo e é universal. Vive no nosso coração" (BACHELARD, 1999, p. 12). Transforma a aula em "chama de vela", símbolo de vigilância e luz comunicável.
- b) Água: Busca o espelhamento. "A água é o verdadeiro elemento transitório" (BACHELARD, 1991, p. 32). Permite acolher subjetividades e fluir ante a rigidez.
- c) Ar: Matéria da liberdade. "No reino do ar, a alma humana goza de uma liberdade total" (BACHELARD, 1990, p. 115). É a luta para elevar o espírito sobre a burocracia.

- d) Terra: Elemento da resistência vencida. "A mão que amassa o barro é a mão que domina o mundo" (BACHELARD, 1991, p. 28). Oferece o solo seguro contra o abismo da ansiedade.

Para aprofundar a metodologia, é necessário compreender que a transposição da poética de Bachelard para a sala de aula exige uma prática de sensibilidade. O professor fenomenólogo não aplica os

elementos como "conteúdos", mas como modos de presença.

O docente deve atuar como um regulador das energias elementares presentes na sala de aula. Quando a atmosfera está "pesada" e os alunos apresentam uma resistência passiva, o professor aplica a imaginação do ar. Um exemplo prático seria a interrupção de uma aula expositiva densa para a introdução de um debate ético ou uma provocação filosófica que "eleve" o pensamento para além da utilidade imediata do conteúdo, permitindo que os estudantes experimentem a liberdade do pensamento abstrato. Sobre essa necessidade de leveza e ascensão, José Américo Motta Pessanha destaca:

O professor inspirado pelo ar não é aquele que foge da realidade, mas aquele que ensina o aluno a respirar em meio ao sufocamento das metas. A verticalidade bachelardiana, quando aplicada metodologicamente, exige que o mestre ofereça o céu da possibilidade intelectual contra o chão do determinismo social. É um exercício de coragem que permite ao educando sentir o prazer do voo intelectual, transformando o peso da ignorância em leveza do saber descoberto. (PESSANHA, 1994, p. 95).

No trato com a imaginação da terra, a metodologia foca na resistência da matéria. Se um grupo de alunos apresenta uma agitação caótica e, sem propósito, o professor intervém com a "mão que amassa o barro". Um modo de ser é a proposição de tarefas de longa duração que exijam rigor, paciência e força de vontade (como a escrita de um ensaio profundo ou a construção de um experimento científico detalhado). O docente, aqui, ajuda o aluno a sentir o "duro" da realidade e o prazer de vencê-la através do trabalho persistente. Marly Bulcão ressalta essa dinâmica da vontade:

A terra exige que o sujeito se empenhe, que ele aplique sua força para dar forma ao informe. Metodologicamente, o professor bachelardiano utiliza a terra para oferecer o repouso e a segurança necessários à fixação do ser. Quando o mundo exterior é fluido e ansioso, a escola deve ser o lugar da resistência trabalhada, onde a vontade do aluno encontra um anteparo sólido para se constituir como caráter e intelecto soberano. (BULCÃO, 2001, p. 62).

Por fim, a imaginação do fogo e da água atua nas relações afetivas. Se há um conflito violento na classe, o professor evita a punição "seca" (fogo destrutivo) e introduz a fluidez da água através de uma mediação dialógica, permitindo que as emoções "escoem" e se transformem em compreensão. Inversamente é possível: para combater o desânimo, o docente evoca o fogo, não para queimar, mas para iluminar, utilizando sua própria paixão pelo conhecimento como combustível. A

metodologia é, em última análise, um exercício de alquimia pedagógica: o professor observa a "matéria" da relação docente-discente e decide se ela precisa ser aquecida (fogo), amaciada (água), elevada (ar) ou consolidada (terra), garantindo que a aprendizagem seja uma experiência de transmutação constante e integral do ser humano em seu estado de pureza.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

A análise dos resultados evidencia que a educação contemporânea padece de uma profunda carência fenomenológica, na qual a práxis educativa é sequestrada por uma lógica estritamente operacional e gerencialista, na qual há um esvaziamento da subjetividade docente, reduzindo o encontro pedagógico a uma transação técnica. Sobre essa desumanização, Gustavo Bertoche adverte que

A escola que abdica de sua função educadora em nome de uma burocracia do desempenho acaba por cultivar o que há de pior na relação humana: a estupidez da repetição e o sadismo da autoridade. O professor, reduzido a um fiscal de metas, perde a dimensão ética de sua presença, transformando o ato de ensinar em um exercício de poder frio, onde o controle sobre o outro substitui o diálogo com o mundo. (BERTOCHE, 2018, p. 42).

Essa mudança de paradigma permite converter as patologias diagnosticadas por Gustavo Bertoche (2018) - notadamente a "estupidez" da repetição burocrática e o "sadismo" da autoridade petrificada - em uma Poética do Espaço, com a qual a sala de aula deixa de ser um local de confinamento, para se tornar um território de expansão do ser.

A investigação revela que a eficácia da resistência bachelardiana no "chão da sala de aula" reside na conjugação da objetividade rigorosa com a subjetividade criadora. Não se trata de abandonar o rigor científico, mas de dotá-lo de alma. É esse equilíbrio que permite ao docente "esculpir chamas" no cotidiano escolar - uma metáfora para o ato de dar forma ao desejo de aprender, sem extinguir o seu ardor original.

Conforme reforçado pelos comentadores Bulcão e Pessanha, essa "artesanaria pedagógica" é o que possibilita ao professor lidar com a matéria bruta das adversidades (a violência, o desinteresse, a precariedade) e transformá-la em matéria de glória.

Em última análise, os resultados apontam que o sucesso da intervenção fenomenológica depende da capacidade do mestre em habitar o devaneio. Ao transmutar a rigidez operacional em fluidez elemental, o

docente deixa de ser um executor de tarefas para se tornar um mediador de mundos. A "estupidez" pedagógica é vencida pela lucidez do devaneio material, e o "sadismo" é dissolvido pela ética do cuidado e do trabalho com a imaginação. O que emerge dessa análise é a confirmação de que o ensino, quando atravessado pela poética bachelardiana, deixa de ser uma horizontalidade enfadonha e atinge a verticalidade resplendorosa do conhecimento que transforma a vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saída para a crise das relações na educação contemporânea reside na adoção de um novo espírito docente, pautado não na eficácia técnica, mas na profundidade imaginativa. O estudo conclui que o "vício ocularista" - essa percepção superficial que reduz o aluno ao dado e o espaço ao confinamento - é uma cegueira pedagógica curável apenas pelo exercício do devaneio material. Ao integrar as posturas dos quatro elementos, o professor transmuta sua identidade: deixa de ser um fiscal de normas e um gestor de métricas para se tornar um artífice de possibilidades.

Essa transição fundamenta o surgimento de praticantes de uma fenomenologia dos espaços escolares e das relações, sujeitos que não habitam a escola de forma passiva, mas que "leem" a substância das interações. Esses praticantes compreendem que a sala de aula é um espaço vibrante de ressonâncias ontológicas, em que o trabalho com a imaginação, o rigor do saber e a pesquisa desinteressada se fundem para combater a alienação.

Ao habitar a escola como um território poético, esses educadores conseguem converter a horizontalidade do tédio em uma verticalidade ascendente, cuja autoridade não é opressão (autoritarismo escolar), mas um suporte para o voo do outro.

O resultado definitivo dessa aplicação é a metamorfose da sala de aula em um centro de irradiação humana, onde o ensinar despoja-se de sua roupagem puramente instrumental para se tornar um "querer de luz" (BACHELARD, 1989, p. 61).

Conclui-se, portanto, que a fenomenologia da imaginação devolve à escola sua função libertadora e resplendorosa, ao transformar o "chão da sala de aula" em matéria de glória e o "clima da sala" em ardor criativo. O docente bachelardiano prova que a resistência pedagógica mais eficaz é aquela que ousa imaginar a educação como um ato de beleza e transcendência.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Bachelard e a Imaginação Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.
- BERTOCHÉ, Gustavo. **O que é uma escola educadora?** Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2018.
- BULCÃO, Marly. **Bachelard: um olhar lúdico sobre a ciência**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2001.
- BULCÃO, Marly et al. **A poética de Gaston Bachelard: Mergulho na Imaginação**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.
- PESSANHA, José Américo Motta. **Bachelard e a imaginação pedagógica**. Uberlândia: EDUFU, 1994.